

Enunciação e contrato de leitura no *Instagram*: estudo de caso do Coletivo Pretas Paridas de Amazônia¹

Luciana Guimarães BARBOSA²

Claudiane CARVALHO³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Partindo do pressuposto de que o surgimento e institucionalização social de uma nova tecnologia acarreta transformações nas enunciações, interessa-nos compreender as alterações enunciativas promovidas pela plataforma de rede social Instagram e suas implicações nas relações entre as instâncias de produção e recepção. Para tanto, selecionamos como objeto de estudo o perfil no Instagram do Coletivo Pretas Paridas de Amazônia (@pretasparidasdeamazonia). Dentro dessa proposta de pesquisa, este texto realiza em um duplo movimento: 1) exercício de pensar conceitos-chave à condição de produção dos dispositivos enunciativos do objeto escolhido, a exemplo de interseccionalidade e lugar de fala; e 2) desenhar operadores de análise dos discursos que levem em conta as especificidades do ambiente digital e, de forma mais restrita, da plataforma de rede social Instagram. O artigo está amparado em revisão de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: contrato de leitura; Instagram; enunciação; mídiatização; coletivo Pretas Paridas de Amazônia.

INTRODUÇÃO

No contexto de intensa digitalização, as plataformas de redes sociais desempenham um papel central na comunicação (VAN DIJCK et al, 2018). Além da centralidade, a transversalidade das plataformas nos processos e práticas de interação contemporâneos engendra novas sociabilidades e reconfigura as estratégias de conexão (SAAD, 2021; VAN DIJCK et al, 2018), expandindo a comunicação no espaço, no tempo e nas modalidades (HJARVARD, 2014).

Partindo do pressuposto de que o surgimento e institucionalização social de uma nova tecnologia acarreta transformações nas enunciações (VERÓN, 2014, 2013;

¹ Trabalho apresentado ao GP Teorias da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023, na PUC de Minas Gerais.

² Mestranda do PPGCOM UFPA, email: lugdesigng@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Comunicação da UFPA e do PPGCOM/UFPA, email: claudianecarvalho.29@gmail.com

CARVALHO, 2021, 2022), isto é, nos dispositivos enunciativos geradores dos contratos de leitura (VERÓN, 1985, 2004), interessa-nos compreender as alterações enunciativas promovidas pela plataforma de rede social Instagram (terceira rede social mais usada no Brasil em 2023, com 113,5 milhões de usuários, de acordo com dados do *Report da We Are Social e da Meltwater*) e suas implicações nas relações entre as instâncias de produção e recepção. Apostamos que o entendimento das mudanças na enunciação, promovidas pelas possibilidades e estratégias latentes no Instagram, consiste em um caminho possível para analisar novas modalidades de comunicação e as complexidades envolvidas na interação entre produtores de conteúdo e seus públicos.

Nessa visada, este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que tem como objeto de estudo o perfil no Instagram do Coletivo Pretas Paridas de Amazônia (@pretasparidasdeamazonia) e propõe analisar a construção dos dispositivos enunciativos que estabelecem direcionamentos, expectativas e normas de interação entre as instâncias de produção e recepção. Ou seja, tem o intuito de averiguar o contrato de leitura estabelecido entre o coletivo e seus respectivos "leitores", mediante a plataforma Instagram. Para tanto, recorreremos às noções de enunciação e contrato de leitura, advindas da Análise de Discurso de vertente sociodiscursiva, como recurso conceitual e metodológico; articulamos tal aporte com estudos teóricos do campo da comunicação sobre a ambiência midiática contemporânea; e buscamos manter no horizonte de visão, em virtude das características do objeto de estudo escolhido, as reflexões geradas pelas noções de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019), lugar de fala (RIBEIRO, 2017) e colonialidade (MIGNOLO, 2017; QUIJANO, 2005).

Este texto, em específico, não se propõe a dar conta da proposta geral da pesquisa, mas consiste em um exercício de pensar conceitos-chave à condição de produção dos dispositivos enunciativos e também desenhar operadores de análise dos discursos nas plataformas que conformam o contrato de leitura. Para tanto, está dividido em dois momentos: no primeiro, apresenta o objeto de estudo e as noções de interseccionalidade e “lugar de fala” enquanto condições de produção do discurso. No segundo momento, por sua vez, empreende o exercício de elaborar operadores de análise que levem em conta as especificidades do ambiente digital e, de forma mais restrita, da plataforma de rede social Instagram.

DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DAS ENUNCIACÕES: SOBRE O OBJETO DE ESTUDO E AS NOÇÕES DE INTERSECCIONALIDADE E LUGAR DE FALA

Pretas Paridas de Amazônia é um coletivo de afroempreendedoras localizado na cidade de Belém do Pará. Criado com o objetivo de fortalecer o trabalho de mulheres negras da Amazônia e dar visibilidade às suas produções, foi formado em 2019 após a realização do projeto chamado Afrolab⁴, por meio do qual mulheres negras estudaram estratégias de organização e planejamento para entender seus negócios sob uma perspectiva inventiva preta. O grupo caracteriza-se pela dimensão da resistência e pelo enfoque no sentido de coletividade conferida ao movimento das mulheres empreendedoras, especialmente àquelas pertencentes ao grupo afrodescendente.

O coletivo é composto por 17 empreendimentos liderados por mulheres negras periféricas, autônomas, mães, de diferentes idades, que vivem em Belém, capital do Pará. Esses empreendimentos incluem trançadeiras, costureiras, artesãs, ceramistas, vendedoras de produtos afros, ilustradoras, fotógrafas, artistas, *rappers*, dançarinas e cozinheiras.

Elas discutem a importância da resistência e da conexão coletiva no movimento das mulheres empreendedoras na Amazônia, especialmente as mulheres negras⁵. O AfroLab é mencionado como um movimento que proporcionou suporte, oportunidades de conexões, informações e capacitação. O afroempreendedorismo é destacado pelas participantes do coletivo como uma forma de criar uma rede de afeto potente, contrapondo-se à lógica capitalista. A conexão ancestral e a necessidade de agregar outras pessoas são enfatizadas como uma filosofia fundamental que destaca a potência das mulheres unidas para ocupar espaços que antes lhes eram negados.

Abordar a condição de vida dessas mulheres que se conformam, também, em condições de produção dos discursos impele-nos a contemplar as noções de interseccionalidade e lugar de fala.

⁴O Afrolab é um programa que visa fomentar, amparar e potencializar o afroempreendedorismo, proporcionando acesso a conhecimento, bem como capacitação técnica e criativa e pode ser encontrado no endereço eletrônico <https://pretahub.com/afrolab/>

⁵ Informações sobre a filosofia do grupo podem ser encontradas neste vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=3TJjKPKkqLQ>. Acesso em: 12 set. 2022.

Interseccionalidade

A interseccionalidade é uma abordagem que busca entender as conexões entre diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe social e orientação sexual. Akotirene (2019) ressalta que as experiências de opressão não podem ser reduzidas a uma única dimensão, como "problema negro" ou "problema da mulher". As pessoas enfrentam uma complexa rede de desigualdades que se entrelaçam e se influenciam mutuamente.

A noção surge como uma perspectiva teórica que considera essas complexas interações e desafia visões simplistas, por exemplo, do empreendedorismo e de suas enunciações. Ao compreender as opressões históricas que afetaram as mulheres negras na Amazônia, a interseccionalidade destaca sua resiliência, criatividade e empoderamento, assim como suas contribuições para o desenvolvimento econômico e social da região.

Reconhecer a multiplicidade de marcadores sociais, como raça, classe, geração, identidade de gênero e sexualidade, é fundamental para compreender as reivindicações individuais e sociais e como elas se manifestam no discurso.

Ribeiro (2017) destaca a importância de reconhecer as especificidades e a interseccionalidade entre gênero e raça, por exemplo, ao analisar as desigualdades sociais. Ao reconhecer que o status de mulheres brancas e homens negros é oscilante, significa que cada grupo pode enfrentar diferentes níveis de desigualdade dependendo do contexto social e econômico. Para Ribeiro (2017), “ainda é muito comum a gente ouvir a seguinte afirmação: ‘mulheres ganham 30% a menos do que homens no Brasil’, quando a discussão é desigualdade salarial”(RIBEIRO, 2017, p. 25).

Para a autora, esta afirmação está correta do ponto de vista generalista, mas incorreta do ponto de vista ético pois, mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos, enquanto homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos os outros grupos, além de serem as mais afetadas pelas relações precárias de trabalho e pelo desemprego. Eis, aqui, a justificativa para a o debate social sobre o “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017).

Lugar de fala

Historicamente, o feminismo focou na luta por direitos de um grupo específico de mulheres, negligenciando as vozes das mulheres negras e sua invisibilidade como categoria política (RIBEIRO, 2017).

Ribeiro (2017) compara as perspectivas de Simone de Beauvoir e Grada Kilomba sobre a posição da mulher na sociedade. Segundo Beauvoir, a mulher é o "Outro" em relação ao homem, subjugada ao olhar masculino. Ribeiro (2017) afirma que, para Kilomba, a mulher negra é o "Outro do Outro", enfrentando uma situação ainda mais complexa. Essa comparação aborda a questão de forma interseccional, ressaltando a marginalização das mulheres negras dentro do próprio movimento feminista dominado por mulheres brancas.

Segundo Ribeiro (2017), a categoria "mulher negra" foi concebida para unificar as lutas contra o racismo e o sexismo, frequentemente abordados de forma separada, e para fomentar a solidariedade entre as mulheres negras. Ao reconhecer as distintas formas de opressão, o objetivo é promover a equidade de gênero e raça.

O conceito de lugar de fala tem sido fundamental nas discussões contemporâneas sobre diversidade, poder e marginalização. Emergindo de tradições teóricas críticas e raciais, ele busca entender como as vozes subalternizadas são silenciadas e marginalizadas em uma sociedade que privilegia o discurso do homem branco heterossexual.

Ribeiro (2017) destaca que o lugar de fala não se restringe à vivência individual, mas é enraizado em um contexto social e de poder. Ela ressalta a importância de considerar o lugar de fala como um local de localização e poder dentro das estruturas sociais. Dessa forma, o conceito transcende a simples capacidade de emitir palavras, englobando a própria existência e a capacidade de influenciar discursos cotidianos. Ribeiro (2017) observa que o lugar de fala não é exclusivo das vozes subalternizadas, mas é uma característica inerente a todos, pois todos estão posicionados socialmente. Ela enfatiza que, embora uma pessoa branca não possa experimentar o racismo diretamente, ela pode, a partir de seu próprio lugar de fala, desafiar as estruturas racistas e contribuir para a igualdade.

Ribeiro (2017) argumenta que o lugar de fala transcende uma mera discussão

teórica e torna-se uma postura ética. Não se trata apenas de falar sobre experiências próprias, mas de adotar uma abordagem de questionamento e autoconscientização que contribua para a transformação social. Interessa-nos observar como o lugar de fala é construído, também, pelos discursos mediante as enunciações.

ENUNCIÇÃO E A CONSTRUÇÃO DO CONTRATO DE LEITURA NA REDE SOCIAL INSTAGRAM: APONTAMENTOS SOBRE OPERADORES DE ANÁLISE

De Benveniste (1974) a Verón(1985), o conceito de enunciação propõe restaurar a fenda entre os estudos do texto e da recepção, demonstrando que os sentidos são tecidos na relação entre as condições de produção e reconhecimento (CARVALHO, 2022).

Sincronizado com a terceira geração da semiologia, o pesquisador Eliseo Verón, ao propor a noção de contrato de leitura, debruçou-se sobre os efeitos de sentido engendrados nos dispositivos de enunciação, nas modalidades do dizer (Verón, 1985, 2004, 2013). Se o enunciado é da ordem do dito, a enunciação é dos modos de dizer, ou seja, das condições de produção deixadas como marca na superfície discursiva. Embora Verón tenha elaborado o conceito de contrato de leitura, na década de 1980, para tratar do dispositivo enunciativo construído por veículos impressos para estabelecer o vínculo com a recepção, a noção vem sendo utilizada em estudos com outros suportes e meios.

Por conta das especificidade das gramáticas de produção e recepção dos distintos meios e das mutações geradas nas dinâmicas de interação, ao longo do tempo, a perspectiva de *vínculo ou elo* foi, paulatinamente, sendo substituída por *articulação, acoplamentos* e, atualmente, com a expansão das redes sociais e o fenômeno da plataformização, fala-se em *interfaces* entre instâncias de produção e recepção (FAUSTO NETO, 2018).

As redes sociais, lembra Recuero (2012), são formadas por atores e suas conexões. Os atores são representações de pessoas, organizações e grupos; já as conexões referem-se às interações possibilitadas pelas *affordances* das plataformas, constituindo as redes sociais digitais. Geralmente, usamos o termo plataforma para nos referirmos a uma tecnologia digital que permite certo tipo de publicação e consumo

(SALAVERRÍA, 2018). As tecnologias, por sua vez, quando têm seus usos e apropriações estabilizados e institucionalizados socialmente, tornam-se meios. Eis a razão de falarmos em mídias digitais.

Retomando o pressuposto de que a institucionalização e estabilização sociais de novos meios se manifestam na enunciação, propomos analisar o dispositivo enunciativo do perfil Pretas Paridas de Amazônia no Instagram por dois vieses interdependentes e complementares: 1) a produção discursiva para as redes, as modalidades do dizer (enunciação); 2) características da circulação de conteúdos nas redes sociais e as alterações na relação entre as instâncias produção e recepção (CARVALHO, 2023). "Em linhas gerais, o contrato refere-se a um dispositivo enunciativo, cuja circulação coloca em interação as instâncias de produção e recepção" (CARVALHO, 2022, p. 8-9).

Dos operadores de análise

Para estudar a produção discursiva em ambientes digitais, é preciso considerar a *hipertextualidade* e a *multimedialidade*. Os hipertextos são produções textuais feitas a partir dos *links*, que permitem uma leitura interativa e reticular. Os *links* podem ser usados para remeter o leitor a informações que aprofundem o conhecimento sobre o fato informado, mas também podem direcionar para vídeos, fotos e áudios produzidos por membros do coletivo. Ao dispor produções textuais em múltiplas linguagens, temos a multimídia. Para Santaella (2013), a hipermídia mescla a hipertextualidade com a multimídia e consagra-se como a linguagem das redes.

Os *links* e ferramentas para interação são da natureza das redes sociais que propõem uma dialogia ampliada. Em outros termos, o coletivo precisa negociar com a dimensão da *interatividade* proporcionada pelas plataformas. Ainda no quesito interatividade, as *Hashtags* – representadas pelo símbolo do jogo da velha antes de uma determinada palavra – constituem *links* que facilitam o acesso a postagens realizadas nas redes, unem diferentes publicações numa mesma temática, luta ou proposta divulgadora. No que tange às pesquisas na ambiência das redes, as *hashtags* propiciam uma certa *memória* do conjunto de postagens sobre um determinado tema ou acontecimento.

A *instantaneidade e atualização contínua* são características potentes que também se manifestam nas mídias de redes sociais (PALACIOS, 2002). A *dialogia* ampliada das redes reverbera também, na *linguagem informal e conversacional* das postagens (Carvalho; Barichello, 2017). Além de um tom interpelativo em algumas circunstâncias, o uso de emojis, *gifs* e recursos de cores demonstram a adaptação à gramática das redes. Essas estratégias geram enunciação de proximidade e certa leveza.

Nas publicações nas redes sociais, observa-se também estratégias enunciativas de *autorreferencialidade e promocionalidade* como estratégias enunciativas de legitimação. A promocionalidade acontece, por exemplo, quando um *post* convida a assistir, ouvir ou ler determinado produto (colocando *links*).

Características e recursos discursivos proporcionados pelas redes sociais demonstram novas sociabilidades construídas entre os coletivos e seu público. As enunciações ocorrem na interação entre as instâncias de produção e reconhecimento em determinadas condições de comunicação. Nesse viés, o discurso constrói um lugar para o enunciador, indica uma posição ao co-enunciador e propõe uma relação entre ambos (VERÓN, 2004).

Convém mencionar que essa relação é engendrada mediante novas modalidades e fluxos de circulação das redes. A circulação consiste numa dimensão essencial das redes, pois possibilita a desverticalização na distribuição (e circulação) do conteúdo - qualquer pessoa pode enviar informação de qualquer fonte em qualquer lugar. Essa possibilidade instaura novos regimes de relacionamento entre as instâncias de produção e recepção, pautados na interação acentuada e na participação. Além disso, a circulação acontece em ritmo frenético e, com o advento das tecnologias móveis, instauram-se a ubiquidade e a hiperconexão. Ou seja, a busca pelo novo em um espaço de tempo menor e a possibilidade de postar, curtir, compartilhar, comentar etc a qualquer momento. Esses fluxos da circulação podem ser sinalizados por distintos aspectos, a saber: *temporalidade; ubiquidade e imersão; e ampliação da dialogia/participação* (CARVALHO, 2023).

Sendo a temporalidade uma construção coletiva, sócio-histórica e simbólica, o efêmero tende a se instaurar nas dinâmicas de produção, circulação e consumo do conteúdo nas redes. Os formatos breves solicitam produção limitada em tempo (30 segundos para os *stories*, por exemplo).

A relação com o espaço também é uma construção sócio-histórica e simbólica e passa por alterações com a mídias de redes sociais, especialmente, a partir do uso dos *smartphones*. A *ubiquidade e hiperconexão* colocam o espaço em *continuum* e a comunicação torna-se pervasiva – de qualquer lugar e qualquer hora é possível postar, curtir, comentar, compartilhar etc. Nessa circunstância, é engendrado o leitor ubíquo, na definição de Lucia Santaella (2013).

O *leitor ubíquo* está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual, interfaces que reinventam o corpo, a arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações complexas nas formas de habitar, o que repercute nas diferentes esferas da vida social. Como ressalta Santaella (2013), o leitor ubíquo envolve também a dimensão da imersão.

O leitor imersivo é aquele que navega de forma fluida pelos diversos nós dos *hyperlinks*, construindo seus processos reticulares de leitura e, também, “passeia” pelas diferentes possibilidades das linguagens multimidiáticas. Concernente à relação entre as instâncias de produção e recepção, a ambiência das mídias de redes sociais amplia a *dialogia*.

A noção vem de Mikhael Bakhtin (2006), que define a dialogia como o ato do diálogo, o reconhecer-se no outro através da comunicação interativa. M. Bakhtin (2006), a partir dos estudos dos gêneros discursivos, ampliou a perspectiva do dialogismo para a comunicação mediada por suportes técnicos. As dimensões da produção e circulação discursivas, que garantem a interação entre as instâncias de produção e reconhecimento, são tributárias da sequência histórica da mediação, cujo fenômeno prevê mudanças nas relações, práticas e discursividades sociais em decorrência da ambiência dos meios (VERÓN, 2014).

Para Couldry e Hepp (2017), a digitalização e a datificação (transformação da ação social nas redes em dados) aprofundam a mediação e desafiam organizações sociais, como os coletivos, a produzirem seus conteúdos, levando em conta a curadoria algorítmica que pode influir na elaboração das enunciações. Nessa conjuntura, analisar os dispositivos enunciativos na rede social Instagram sugere contemplar que o aspecto relacional dos discursos ultrapassa o escopo do humano para envolver, também, não humanos. Ou seja, para atingir o público visado, é preciso contemplar enunciações que sejam atrativas à mediação dos algoritmos (FIGUEIREDO, 2020).

Dito de outro modo, a midiaticização manifesta-se na enunciação, impelindo-nos a mapear e compreender, no objeto de estudo selecionado, as estratégias enunciativas utilizadas para interação. Não intentamos esgotar o tema, mas apontar possíveis percursos analíticos que contemplem, para além dos operadores da gramática digital, os elementos atravessadores de uma comunicação protagonizada por mulheres negras do norte de Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a estabilização e institucionalização social de uma nova tecnologia engendra transformações nas enunciações. Nessa visada, preocupa-nos as alterações enunciativas promovidas pela plataforma de rede social Instagram e suas implicações nas relações entre as instâncias de produção e recepção. Para observar tal fenômeno, escolhemos o perfil no Instagram do Coletivo Pretas Paridas de Amazônia (@pretasparidasdeamazonia).

Trata-se de um coletivo de afroempreendedoras da cidade de Belém, no estado do Pará, região norte do país. Criado, em 2019, com o objetivo de fortalecer o trabalho de mulheres negras da Amazônia e dar visibilidade às suas produções, o coletivo é composto por 17 empreendimentos liderados por mulheres negras periféricas, autônomas, mães, de diferentes idades. Essa composição desvela a condição social da instância de produção e leva-nos à abordagem de duas noções-chave à produção discursiva do coletivo no Instagram: interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) e lugar de fala (RIBEIRO, 2017).

Dentro dessa proposta de pesquisa, este texto realiza em um duplo movimento: 1) exercício de pensar conceitos-chave à condição de produção dos dispositivos enunciativos do objeto escolhido, a exemplo de interseccionalidade e lugar de fala; e 2) desenhar operadores de análise dos discursos que levem em conta as especificidades do ambiente digital e, de forma mais restrita, da plataforma de rede social Instagram. O artigo está amparado em revisão de literatura.

A interseccionalidade é uma abordagem que busca entender as conexões entre diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe social e orientação sexual. Reconhecer a multiplicidade desses marcadores é fundamental para compreender

as reivindicações individuais e sociais e como elas se manifestam no discurso, consagrando lugar de fala. Legado das tradições teóricas críticas e raciais, a noção de lugar de fala busca entender como as vozes subalternizadas são silenciadas e marginalizadas nas disputas sociais pelo sentido e nos exercícios de poder. Essas noções são transversais à produção discursiva. No entanto, analisar os discursos midiáticos é também abarcar as gramáticas específicas de cada meio e como elas corroboram à construção do “elo” entre as instâncias de produção e reconhecimento.

Neste texto, num primeiro exercício de mapeamento dos operadores de análise dos dispositivos enunciativos do perfil Pretas Paridas de Amazônia no Instagram, apostamos em duas frentes complementares e interdependentes:

- 1) a produção discursiva para as redes, as modalidades do dizer (enunciação);
- 2) e características da circulação de conteúdos nas redes sociais e as alterações na relação entre as instâncias produção e recepção (CARVALHO, 2023).

Na primeira frente de trabalho, levamos em conta a ambiência digital (PALACIOS, 2002; PALACIOS et al, 2012) e elencamos como possíveis operadores:

- hipertextualidade;
- multimidialidade;
- interatividade;
- instantaneidade e atualização contínua;
- memória;
- dialogia (linguagem informal e conversacional);
- autorreferencialidade e promocionalidade.

Atinente à circulação, nossa segunda frente de trabalho, destacamos:

- temporalidade;
- ubiquidade e imersão;
- e ampliação da dialogia/participação (CARVALHO, 2023).

Consideramos que o estudo ainda é preliminar e requer confirmação com a pesquisa empírica. No entanto, buscamos dar conta de aspectos que nos sinalizem, na superfície discursiva, rastros das condições de produção (em maior grau), de circulação e recepção.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.261-305.
- CARVALHO SAMPAIO, C. O. Contratos enunciativos jornalísticos: : um percurso histórico pelo viés semioantropológico da mediatização. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/questoes/article/view/19916>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- CARVALHO, C.O. Circulação e Contrato em Contexto de Plataformização da Notícia: apontamentos teóricos. **ANAIS 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 4 a 9/10/2021**. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt8-tc/clauidiane-carvalho.pdf>. Acesso em 2 de julho de 2022.
- CARVALHO, C.O. Apontamentos para análise do discurso informativo em mídias sociais. 2023. Em fase de elaboração.
- CARVALHO, L.; BARICHELLO, E. Jornalismo na ambiência das mídias sociais digitais: apropriação de características do facebook em postagens de jornais brasileiros. **Contemporanea | comunicação e cultura - v.15 – n.03 – set-dez 2017 – p. 769-788 |**
- COULDRY, Nick e MEJIAS, Ulises. **The costs of connection** (how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism). Stanford, Stanford University Press, 2019.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. John Wiley & Sons, 2017.
- D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos** / Carlos d'Andréa. - Salvador : EDUFBA, 2020.79p; – (Coleção Cibercultura). Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/320431>. Acesso em 22 mar 2023
- FAUSTO NETO, Antônio. **Enunciação mediática e suas “zonas de pregnâncias**. deSignis, vol. 13, 2009, pp. 105-115. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/6060/606066732011.pdf>
- FIGUEIREDO, C. Ativismo codificado: protestos em rede e movimentos sociais na era das plataformas digitais. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**. N.º 142, diciembre 2019 - marzo 2020 (Sección Monográfico, pp. 127-142)
- HJARVARD, S. Mediatização: conceituando a mudança cultural e social. **MATRIZES**. 8 (1): 21-44, 2014.

HOOKS, bell. **Mulheres Negras: Moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política. nº 16. Brasília, 2015. P. 193-200. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2004, 238 p.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2015b.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. ev. bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94, e329402. EpubJune 22, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PALACIOS, Marcos et al. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro**. 2002. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf Acesso em: 25 de abril de 2018.

PALACIOS, Marcos; CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologias . In: **Contemporânea** . Comunicaç o e Cultura. V.10, n.03, set-dez., 2012, p.668-685

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

SAAD CORRÊA, E. Comunicação organizacional: transformação, mudanças e um novo *modus operandi*. In.: TERRA, C.; DREYER, B.; RAPOSO, J.F. (org.) **Comunicação organizacional**. Práticas desafios e perspectivas digitais. São Paulo, SP: Summus, 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013. 376p.

VERÓN, E. **La semiosis social 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013, 447p

VERÓN, E. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências . **MATRIZES**, 2014, 8 (1): 13-19.

VERÓN, E. L'analyse du contrat de lecture: unenouvelmethode pour lêsétu des de positionnement des supports presse. In: **Les médias, expériences, recherches actuelles, applications**. Paris: IREP, 1985, p. 203-229.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. Trad. VaniseDresch. São Leopoldo (RS):
EditoraUnisinos, 2004, 286 p .

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. C. 2018. **The platform society**: public values in a
connected world. New York: Oxford University Press, 240 p.